



Por António Moreira Vasconcelos

De frente para a Covid-19: advogados encontram negócios na pandemia

Escritórios de advogados adaptaram-se à crise inesperada e antecipam mais negócios na reestruturação de empresas, fiscalidade e imobiliário.

A Covid-19 vai ficar nos anais da História por ter posto à prova a capacidade de resiliência e de adaptação da humanidade em conviver com o coronavírus microscópico que conseguiu pôr em causa quem e o que somos. Face ao susto inicial, os escritórios de advogados consultados pelo Jornal Económico referem que não se vergaram e encararam de frente as rasteiras feitas pelo coronavírus para dar a volta à súbita crise. “Não podemos ficar passivamente à espera que tudo volte à normalidade, nem se saberia até quando, nem adiar medidas que continuem a fazer sentido para o bom funcionamento do escritório”, realça Dulce Franco, sócia e membro do conselho de administração da SRS Advogados.

A advogada adianta que estratégia da SRS Advogados passou “pelo fortalecimento das equipas na medida do necessário nas áreas em que as solicitações aumentam, e também naquelas que, mesmo antes da crise pandémica, já estavam muito ocupadas”, sem descurar as “novas oportunidades de trabalho que os efeitos da própria crise geram”.

Talvez um dos setores mais bem preparados para lidar com uma crise inesperada é a advocacia. O rigor da letra lei e a lógica do pensamento jurídico são o alicer-

ce da profissão de advogado e apoiam o exercício do Direito cuidado em reação à evolução da sociedade — o Direito não é uma ciência estática —, chamando à colação a capacidade de preparação (e antecipação) e de adaptação de qualquer jurista. “A advocacia, pela sua natureza, é uma atividade com uma enorme capacidade de adaptação e desta vez não será diferente e o modelo de negócio tradicional das sociedades de advogados tem-se demonstrado bastante ágil e bem sucedido mesmo em momentos de crise”, diz Duarte Schmidt Lino, sócio co-coordenador de Corporate M&A e membro do conselho de administração da PLMJ. “Se olharmos para as últimas décadas em Portugal, a mudança tem sido constante e é nesse contexto operacional que temos vivido grande parte do tempo, de tal forma que as empresas nacionais aprenderam a mover-se e a planear o seu futuro. As empresas sabem que vivemos por ciclos, que são quase sempre incertos e imprevisíveis como o atual”, adianta o advogado.

A Cuatrecasas navega pela crise em velocidade cruzeiro. Maria João Ricou, partner da Cuatrecasas em Portugal, vinca que a equipa “não foi afetada sob nenhum ponto de vista”, seja no número de advogados, seja nas condições remuneratórias, além de terem sido mantidos “todos os



processos de progressão na carreira, incluindo no que toca a promoções a sócio”. Ainda assim, acentua o impacto do último trimestre nos resultados do escritório e que “historicamente tem sempre o peso determinante”. Apesar disso, diz Maria João Ricou, “estamos preparados para um impacto na taxa de crescimento”.



A CRISE TAMBÉM GERA NEGÓCIO

Como uma parede de água que se ergue no Atlântico e ameaça a proa de uma nau, a crise da Covid-19 bateu de frente na atividade económica. O destemido que encara e fura a onda arrisca-se a descobrir vantagens de que o receoso fugiu. Esta crise afetou transversalmente todos os setores

de atividade económica, embora não de forma homogénea, e criou oportunidades de negócio.

“Haverá certamente um aumento ainda maior do nível de incumprimentos contratuais, de reestruturações de balanços e de litígios”, antecipa Duarte Schmidt Lino.

Maria João Ricou concorda com esta análise quando diz que é “expectável (...) que se verifique um aumento de atividade associada a reestruturações empresariais”, explicando que serão diversos os ramos do Direito convocados para a solução de problemas — Societário, Laboral, Financeiro, Fiscal e Contencioso.

A managing partner da Cuatrecasas estima ainda “uma crescente atividade associada a oportunidades de investimento em vários setores, que terão impacto designadamente nas áreas de M&A, Imobiliário e Financeiro e repercussão também em áreas como Fiscal e Concorrência, entre outras”.

A diminuição do volume de trabalho jurídico associado ao investimento será porventura a ferida mais saliente da crise. “Os investidores são maioritariamente avessos ao risco e esta fase de incerteza não favorece a concretização de investimentos, levando bastantes empresas a suspender os seus planos de investimento que, pelo menos num futuro próximo, lhes é difícil de redesenhar”, afirma Dulce Franco.

Apesar disso, e em linha com os outros dois juristas, a sócia da SRS Advogados salienta que têm havido “operações em curso ou mesmo concluídas durante este período”. “A crise pandémica também gera oportunidades de negócio e muitos investidores, com um perfil mais tolerante ao risco, continuam a interessar-se, sobretudo nalguns sectores de atividade ou em relação a empresas e activos mais atractivos. Por outro lado, há áreas de trabalho em que as solicitações têm aumentado, tipicamente associadas aos efeitos da crise pandémica, como sejam o contencioso, as reestruturações financeiras, o direito laboral, da fiscalidade e do imobiliário, que continua, independentemente

desta crise, pelo menos nalguns segmentos”, adianta, apontando ainda para uma maior intensidade da contratação pública se se concretizar “o investimento público que tem sido anunciado”.

ENCARAR A INCERTEZA COM OTIMISMO

Cerca de oito meses depois dos primeiros casos de Covid-19 em Portugal, continuamos a navegar à vista. Como se esperaríamos finalmente por pisar terra firme, ansiamos agora pela vacina que vença a doença, que se mantém uma incógnita. Até lá, a sociedade e os escritórios de advogados recorrem à melhor confiança possível: encarar o futuro incerto com optimismo consciente.

“Respondemos aos fenómenos concretos e naturalmente que este período é especialmente desafiante para todos e nós não seremos exceção”, vinca Duarte Schmidt Lino. “Estamos constantemente a pensar e a trabalhar para o futuro e como é que garantimos a agilidade constante para nos adaptarmos. É de olhos postos no futuro que continuamos a pensar e a montar a nossa estratégia e lógicas de trabalho das nossas equipas”, adianta sócio da PLMJ, alertando para as dificuldades que a economia portuguesa atravessa.

Sabe-se que a economia vai recuperar, mas não se sabe quando (nem com que intensidade). Mas 2021 é encarado de forma positiva. “A perspectiva é que se estará em condições de passar a uma nova fase de maior controle da pandemia, designadamente por via da vacinação, o que permitirá uma aceleração do ritmo de recuperação”, diz Maria João Ricou, adiantando que “estamos confiantes de que sairemos desta crise mais fortes e melhor preparados para enfrentar os desafios do futuro”.

E, mesmo que o abrandamento da economia se acentue, Dulce Franco não teme e antecipa o “surgimento de novos tipos de negócio e de novas formas de os concretizar”, encarando, pois, 2021 “com realismo e percepção da imprevisibilidade, mas com optimismo”.

ANÁLISE



12 Análise

Qual o impacto da crise no setor da advocacia? Saiba o que estão a fazer as sociedades e quais as áreas de prática mais afetadas.

